



Caboclagem em análise: uma primeira experiência

Autora: Aline Fernandes dos Santos
Orientadora: Prof. Dr. Paula Caruso Teixeira

Resumo

A comunicação oral se propôs como um pontapé na organização prática e teórica que foi realizada nos primeiros meses de pesquisa realizada pela mestrande Aline Fernandes dos Santos a cerca da corporalidade do caboclo de pena do bumba-meu-boi maranhense e seus desdobramentos epistemológicos dentro do Programa de Pós Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas.

Palavras-Chave: Caboclo de pena, Bumba Meu Boi, Maranhão.

Dada a minha trajetória acadêmica iniciada no curso de Ciências Sociais, realizar uma investigação cênica, que coloca a prática e a produção epistemológica que se desenvolve a partir do corpo como objeto e método ao mesmo tempo tem sido, neste primeiro semestre de pesquisa, talvez um dos maiores desafios. Nesse sentido, tenho tentado ao máximo dar coerência e sustentabilidade para a presença do movimento e da materialidade física da dança e da figura do caboclo de pena em todas as situações em que me coloco a refletir sobre o estatuto da minha pesquisa. No Seminário Mário Santana inauguro essa prática e tentativa de encontrar, na exposição do meu movimento para outros pares, uma via de diálogo, troca, reflexão e construção de um caminho.



Após dez anos compartilhando corpo e substância com a figura do “caboclo de pena”, personagem do Bumba Meu Boi maranhense, pretendo aprofundar uma investigação corporal e poética da performatividade presente nessa figura, assim como seus desdobramentos epistemológicos enquanto tecnologia de existências contracoloniais. Nessa pesquisa pretendo imaginar o caboclo de pena como o processo de construção e manutenção de si e do coletivo, ativada através do corpo que lida dialeticamente com a desfragmentação e descartesianização do mundo. Uma tecnologia contra colonial sensível e certa que pensa e grava no corpo outros horizontes possíveis de existência.

O caboclo de pena é um personagem existente do Bumba Meu Boi Maranhense, mais especificamente do sotaque de matraca ou da ilha. Sua vestimenta é composta por bordados e também muitas penas, geralmente de ema, que cobrem seus tornozelos, coxas, cintura, peitoral, punhos, braços e cabeça. Sua dança é vigorosa, geralmente apresentando pulos e alterações rápidas de níveis, alguns grupos maiores podem apresentar cerca de 50 caboclos de pena dançando simultaneamente. Geralmente não apresentam fala e são figuras imponentes e misteriosas. Durante o Auto do Bumba Meu Boi, os caboclos são os responsáveis, junto às índias, por procurar o Boi de dentro da mata e trazê-lo de volta.

Apesar de conhecer a figura do caboclo de pena desde a infância, foi com aproximadamente 18 anos que pude experimentá-lo no corpo pela primeira vez, e a partir desse momento desenvolver uma relação de intimidade com sua vestimenta, corporalidade e presença. Algo acontecia quando meu corpo entrava em contato com essa expressão artística que não era possível descrever em palavras, mas meu corpo grafava no espaço o que eu sentia e pensava. Foi ao entrar em contato com as ideias de *oralitura*



e *corpo tela* de Leda Maria Martins (2003), que pude ver traduzido em palavras o que minha corporalidade dizia.

Na introdução de seu artigo “Performances da oralitura: corpo, lugar da memória” (2003), Leda Martins nos traz a informação de que, na língua *bantu*, da mesma raiz *ntanga*, derivam as palavras *dança* e *escrita*, em uma perspectiva de entendimento que aproxima a experiência corpórea da experiência de registro escrito, transmissão e memorização de conhecimento. Tal consideração me leva a compreender a centralidade do corpo nas culturas não ocidentais e, portanto, na dança do caboclo de pena, e sua concepção não apenas como um mero anexo ou suporte físico de funções fisiológicas, responsivo a comandos cerebrais e construído socialmente, mas, como defende a autora:

O que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão de memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc. (MARTINS, 2003, p. 66).

Como tenho vivenciado e dançado por muitos anos na cultura popular e no bumba meu boi e minha trajetória acadêmica é ligada às humanidades, meu projeto carrega em seu corpo um lado teórico reflexivo, com intenções de ser lido e dialogado por meio de investigações cênicas práticas, performáticas e rituais. Vestindo-me de diversas máscaras (antropóloga, cabocla de pena, performer) pretendo descobrir os locais corpóreos-reflexivos a que esse cruzamento pode me levar. Nesse sentido, lanço mão da ideia de encruzilhada, ou *cruzo*, advinda das cosmologias afro-referenciadas e mobilizadas por Luiz Rufino (2019), no sentido de “produzir um debate político e ontológico no campo das existências”. A ideia forjada por Leda Maria Martins, do corpo-tela (2023), é algo que sintetiza de alguma forma a discussão apresentada. O corpo como tela é



compreendido como um lugar que produz e provoca imagens, ideias, códigos e sistemas. Aquele que interage com a tela, interage com uma materialidade dotada de volume, som, cheiro, calor, conteúdo, que provoca o interlocutor, iniciado ou não naquele idioma estético, performático. É interessante pensar aqui que temos diversos recursos performáticos envolvidos nestes processos de pensamento. Sejam eles padrões gráficos inscritos no corpo, poéticas da fala, vocalidades, adornos, vestimentas, além da própria expressão do corpo do caboclo de pena no espaço e em relação a todos estes aspectos.

Ao tomar o caboclo de pena como uma ação performática do corpo tela em ação, penso em uma poética gráfica do corpo que desenha no espaço físico da roda e no espaço abstrato do pensamento um novo espaço de entendimento, comunicação e compreensão que só existe ali e cria naquele instante um sentido próprio da linguagem corpórea. Tais conteúdos, assimilado de maneira diversa pelos interlocutores como em todo tipo de comunicação, são de uma natureza específica e talvez única de apreensão de determinados significados. O domínio e prática dessa linguagem, pelo menos por algum instante, no espaço corpo em movimento, atualiza, produz e debate a memória, a história, o discurso, as estéticas, éticas e políticas, em experiências também sinestésicas.

Nessa pesquisa, pretendo imaginar o caboclo de pena como o processo de construção e manutenção de si e do coletivo, ativado através do corpo que lida dialeticamente com a desfragmentação e descartesianização do mundo. Uma tecnologia contracolonial sensível e certa. Um pulo para fora da violência imposta pelo pensamento colonial, “na busca por epistemologias que irrompem com um continuum marcado pela colonialidade, pelo racismo e por inequidades de outras ordens que, juntas,



Seminário de Pesquisas MARIO SANTANA PPG Artes da Cena - IA - UNICAMP

compõem uma engrenagem violenta, e por vezes subterrânea, na gestão de imaginários, desejos e valores” (RAMOS-SILVA, 2019, p.92).



Figura 3 – Apresentação performática de Aline Fernandes no Seminário Mário Santana.

Referências Bibliográficas

MARTINS, Leda. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

MARTINS, Leda. “Performances da oralitura: corpo, lugar da memória”. In: *Letras*, n. 26, Santa Maria, 2003.

RAMOS-SILVA, Luciane. “A dança dos outros. Imaginações diaspóricas para interpelar o mundo.” In: *Moringa. Artes do Espetáculo*, v. 10 n. 2, João Pessoa, 2019.

RUFINO, Luiz. *Pedagogias da encruzilhada*. Rio de Janeiro, Editora Mórula, 2019.